

FERREIRA GULLAR E SEU ÚLTIMO COMBATE

ELEONORA ZILLER CAMENIETZKI*

RESUMO

este trabalho pretende atualizar um estudo anterior que realizei sobre a trajetória de Ferreira Gullar (CAMENIETZKI, 2006), tendo como objeto de análise as suas últimas publicações (*Em alguma parte alguma* e a *Autobiografia poética e outros textos*) e o debate público que travou com Augusto de Campos em 2016, alguns meses antes de seu falecimento. Testemunho raro em nossa tradição literária, num incessante esforço por traduzir-se, o poeta nos oferece uma trajetória de intensas buscas e mudanças radicais. Desde *Cultura posta em questão*, de 1965, até o lançamento de *autobiografia poética*, em 2015, são 50 anos de intensa reflexão sobre o seu próprio trabalho de criação. À luz dessa vocação, faremos um balanço crítico desse esforço de invenção e explicitação que Ferreira Gullar faz de sua poesia.

PALAVRAS-CHAVE: Ferreira Gullar; poesia e política; autobiografia poética; Augusto de Campos.

“pensa que resta alguma coisa de mim
por aqui
Não te custará nada imaginar
que estou sorrindo ainda
naquela nesga
azul celeste
pouco antes de dissipar-
me para sempre”
FERREIRA GULLAR

* Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: eleonoraziller@uol.com.br

Em dezembro de 2016 perdemos Ferreira Gullar. Há agora uma obra completa, com princípio meio e fim, para que possamos analisar. Aos poucos, cada vez mais afastados das polêmicas que inundaram sua vida, os críticos farão um balanço menos comprometido com suas paixões e desavenças. Mas será que isso nos ajudará a compreendê-lo ou, ao contrário, sua obra perderá parte da intensidade e vivacidade que a impulsiona? Perdemos a voz de locutor, a figura jovial e envolvente, a força da sua presença que encantou sempre qualquer plateia. Ele foi responsável por uma reflexão sobre sua própria produção poética por mais de 50 anos, além de farta produção ensaística como crítico de arte e cronista. Órfã de seu autor, o que será de sua poesia? A resposta virá no correr do tempo. Nos dias de hoje, alguns meses após sua morte, estamos ainda encharcados pelas polêmicas que o cercaram e delimitados pelos eventos históricos que as motivaram. E por mais que façamos um esforço de distanciamento, seremos sempre filhos de nosso tempo. E é nessa condição que tento aqui fazer uma reflexão sobre os últimos momentos de sua carreira, que de forma curiosa, retorna aos seus primeiros lances.

Ferreira Gullar pouco falava seu primeiro livro, *Um pouco acima do chão*, de 1949, editado com a ajuda de sua mãe. Ficou esquecido por décadas, e é verdade que lá mal se pode ver o poeta que virá. Mas nele, o rapaz de dezenove anos, na longínqua e periférica São Luís do Maranhão, anuncia seu grande sonho. Não se contenta em ter apenas uma produção local, que será distribuída na sua cidade. Ele faz questão de enviar um exemplar para a Biblioteca Nacional acompanhada de uma dedicatória, onde escreveu, em 26 de junho de 1949: “Para a Biblioteca Nacional, este exemplar de minha estréia”. Como quem jamais esqueceu o primeiro passo, o seu último pedido foi o de ser velado na Biblioteca Nacional, antes de seguir para as últimas homenagens na Academia Brasileira de Letras (ABL). É dessa imagem que parto para pensar em sua obstinada trajetória, que apesar de ser recheada de rupturas espetaculares, possui uma incrível coerência e integridade. Fiel aos seus sonhos, o poeta caminhou firme em direção a eles. O lugar onde buscaria permanecer e assim escapar da inevitável finitude e deterioração do corpo, não poderia ser outro. A Biblioteca

como a grande e última morada para sua voz e o desejo que seu corpo lá estivesse pela última vez, o campo santo de um poeta ateu.

Por que a Biblioteca teria um significado tão poderoso para ele? Além de tudo que uma biblioteca pode carregar para quem vive de escrever, está ali, de forma material, objetiva, a sua casa, seu alimento e sua história. Ferreira Gullar, garoto maranhense, sem curso universitário, sem familiares ilustres, arrancou da vida cada centímetro de sua caminhada. Onde se formara? Na rua, com amigos, construindo suas relações a partir do que ia escrevendo, convencendo uns e outros de seu talento. Não foi pouco. Nas bibliotecas encontrou um mundo à sua disposição, que com voracidade tentou decifrar e recriar. O seu gesto final dá sentido a muitos outros ao longo de sua vida. As suas posições políticas nas últimas décadas turvaram um pouco a visão do conjunto, especialmente para aqueles que, a cada dia que passava, mais discordavam de seus posicionamentos. Mesmo tendo se tornado descrente dos projetos de uma sociedade socialista, abandonado proposições de esquerda, não abandonou uma forma de estar no mundo e de acreditar radicalmente no que é humano, irreligiosamente humano. Seja como ensaísta ou poeta, sempre teve uma escrita para o público. Não me refiro apenas a um vasto público leitor, mas uso o termo em um sentido amplo, da *res publica*. A biblioteca – primeiro a Biblioteca Pública do Maranhão, depois a Nacional, no Rio de Janeiro, e o abrigo nos anos de exílio na Biblioteca Pública de Lima, no Peru – era a porta aberta que jamais lhe cobrara qualquer coisa pelo que entregava. Nem dinheiro, nem avaliações. Apenas os livros, em estado puro, paralisados nas estantes, à espera de um olhar curioso, ou dispersivo, ou aflito. Não importa, a biblioteca existe para guardar livros e assim colocá-los em estado de espera até que alguém os desperte. Ela é também refúgio para aqueles que não possuem espaço e silêncio em suas casas para se debruçarem com avidez, sono ou alegria sobre eles. Também não importa o quanto se cochila na mesa de uma biblioteca, ela não julga, não avalia, não discrimina. Esse foi seu lugar privilegiado de formação.

E foi nessa condição que enfrentou largas batalhas. Se pensarmos em alguns dos grandes poetas da época, temos os diplomatas Vinícius de Moraes

e João Cabral de Mello Neto. E seu colega de acirradas disputas, Haroldo de Campos, professor da PUC de São Paulo, foi orientado no doutorado por nada menos do que Antonio Candido. Nas suas muitas entrevistas, Ferreira Gullar reafirmou sempre seu lugar “fora do sistema”, de quem buscou e construiu sua própria trajetória intelectual, longe das instituições e de suas regras, “sem parentes importantes e vindo do interior”, para lembrar um outro nordestino. Nessa caminhada, com certeza descobriu muita coisa sozinho, teve *insights* extraordinários e percebeu cedo que para disputar um lugar ao sol na vida literária de nossa pátria desigual, precisaria estar disposto a enfrentar o establishment. Enfrentou-o e finalmente, passou a fazer parte dele.

No livro *Autobiografia poética e outros textos*, de 2015, ainda que de forma bastante resumida, essa trajetória e seus embates estão quase todos lá. A caminhada começa com sua vocação provinciana e parnasiana, segue por décadas, até chegar em *Alguma parte alguma*, seu último livro de poesia, lançado em 2010. Os pontos de inflexão da sua carreira, conforme nos conta, começam sempre por livros que quase aleatoriamente lhe caem nas mãos. Uma estante, um sebo, um conhecido de quem mal se lembra o nome, encontros fortuitos que lhe levaram a rever e a refazer suas convicções. Por exemplo, o livro *As elegias de Duíno*, de Rainer Maria Rilke, traduzidas para o espanhol, que como disse, foi fundamental para suas reflexões sobre a poesia, lhe foi dado por “um intelectual maranhense que morava no Rio”. De todas, a sua história mais curiosa é aquela em que ele explica como se tornou marxista. Ele havia sido convidado para presidir a Fundação Cultural de Brasília, na cidade recém-inaugurada. Então, em meio a terra seca e pó vermelho...

Ali me caiu nas mãos um livro intitulado *La pensée de Karl Marx*, de autoria de um padre católico francês chamado Jean-Yves Calvet. Li-o e me tornei marxista, o que viria a mudar radicalmente a minha vida. (GULLAR, 2015, p. 57).

Nas suas palestras, Gullar gostava de ressaltar que esse livro era de um padre anticomunista, o que dava uma certa graça à história. Um livro escrito por um anticomunista o havia convencido do contrário. É claro que a experiência em Brasília significou muito mais na profunda transformação

que sofreu a poesia de Gullar. Foi lá que “descobriu” o Brasil, vivendo nas entranhas das grandes contradições do desenvolvimentismo de JK que Brasília encarnava. Mas ele precisava sempre afirmar que descobriu o marxismo sozinho, através de um livro anticomunista. Isso depois de uns dez anos de convivência com Mario Pedrosa e mais umas dezenas de intelectuais e artistas da esquerda carioca dos anos 50. Será mesmo?

É um privilégio e uma grande riqueza contarmos com um poeta que sempre falou e escreveu sobre o seu processo criativo, como e porque mudou de rumo, como seus poemas nasceram. Mas até que ponto isso também não foi um limitador, ou melhor, não se constituiu num modo do poeta controlar aquilo que se diz sobre sua obra? No fundo, essas narrativas são também uma fabulação do fazer poético criado pelo próprio autor. E essa *persona poética* chamada Ferreira Gullar merece também estudo. Como ele mesmo escreveu:

Foi-se formando
a meu lado
um outro Gullar
que é mais Gullar do que eu

que se apossou do que vi
do que fiz
do que era meu

e pelo país
flutua

livre da morte
e do morto

pelas ruas da cidade
vejo-o passar
com meu rosto

mas sem o peso
do corpo

que sou eu
culpado e pouco
(2010, p. 38)

Partamos do poema para perguntar quem é esse personagem mais Gullar que o próprio Gullar? Quais foram suas estratégias de legitimação? Ele se apossou do que Gullar fez e viveu, ou, ao contrário, o poeta lutou para garantir como seria essa existência fora do peso de seu corpo? O convite que faço é para pensarmos como se articulam ao longo do tempo esse discurso sobre o seu fazer poético e o seu fazer poético propriamente dito. Esse Gullar foi sempre o mesmo, idêntico a si próprio ou vários “Gullares” conviveram com ele? Ao longo das décadas, nas suas inúmeras entrevistas, crônicas, e textos autobiográficos, ele demarcou experiências distintas, pe-sou fatos e escolhas de forma diferente. É possível identificar as alterações, perceber as mudanças e ver o quanto cada época interferiu no modo como ele contava sua vida. Entretanto, algumas características são marcantes e fazem parte de toda a sua trajetória e parecem ser para ele uma necessidade vital: sempre destacar que foi o primeiro a perceber determinados assuntos, demarcar onde está a sua contribuição pessoal para fatos importantes da vida literária brasileira, refutar ou referendar influências, sempre surgidas de modo aleatório ou inesperado, e explicar o surgimento de seus poemas.

De todos os temas que atravessaram a sua produção, a ruptura com o movimento concreto foi o assunto que sempre esteve presente, tendo marcado inclusive os últimos lances públicos de sua carreira, num acirrado debate com Augusto de Campos, que protagonizou ao longo de décadas reações bastante enfáticas contra Gullar.

Mas o que causa verdadeiro furor em Augusto de Campos? Ele não discute o papel determinante de Ferreira Gullar na construção do movimento Neoconcreto, embora sempre desqualifique essa experiência (que chama de “pequena corte de subpoetas, hoje esquecidos”). Nem mesmo seu trabalho como crítico de arte, que foi fundamental naqueles anos para a divulgação e difusão da arte concreta e neoconcreta, em especial no Rio de Janeiro, pelo trabalho que realizou no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*. Segundo Augusto de Campos (2016), foi Gullar quem passou mais

de meio século a dizer que a poesia concreta era bobagem. Mas o que de fato vai gerar a disputa pública é Gullar se apresentar como uma espécie de precursor do movimento e como alguém que alertara e orientara os líderes paulistas do movimento concretista sobre os equívocos de suas propostas. E parece mesmo que havia em Gullar um certo prazer em provocá-lo, com especial atenção ao Oswald de Andrade, autor muito caro aos concretistas.

Os últimos lances, de uma batalha que atravessou seis décadas, começaram em 2011, quando justamente Oswald de Andrade foi o autor homenageado pela FLIP e Gullar escreve uma crônica na *Folha de S. Paulo*, em 17 de julho, para saudar o evento. O andamento do texto é bem o seu estilo de contar histórias. Primeiro, ao acaso, ele encontra um livro:

Creio que foi em 1953 que eu, ao entrar na livraria da editora José Olympio, então na rua do Ouvidor, deparei-me, sobre um balcão, com vários exemplares do livro *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, a preço de liquidação.

Depois, a surpresa por sua descoberta:

Essa releitura foi para mim uma revelação. Oswald ainda estava vivo, mas quase ninguém tomava conhecimento de sua literatura.

O próximo passo, um amigo (no caso foi Mario Pedrosa) confirma sua descoberta e o estimula a seguir o caminho. E graças a ele (Gullar) tudo começa a mudar. Primeiro convence Oliveira Bastos: “Falei do livro com Oliveira Bastos, então jovem crítico literário, que também decidiu voltar-se para Oswald de Andrade. E se tornou seu amigo.”

A seguir, vem a passagem que enlouqueceu Augusto de Campos: Gullar descreve o desprezo dos concretistas pelo Oswald, e afirma que mudaram de ideia graças a ele. E assim conta como foi a conversa entre os dois no famoso encontro na Spaghettilândia, em 1955:

Falou-me (Augusto de Campos) do propósito do grupo deles de renovar a poesia brasileira e foi por essa razão que me procuraram, já que meu livro rompia com “a poesia sentada”, na expressão deles. E então

citou os poetas brasileiros que, no seu entender, representavam um caminho para a renovação: Mário, Drummond, Cabral. Oswald de Andrade estava fora.

Estranhei e ele então respondeu que não se podia levá-lo a sério, por considerá-lo um irresponsável. Respondi que, irresponsável ou não, sua poesia era inovadora, sua linguagem tinha um gosto de folha verde. Ele ficou de relê-lo e da releitura que fizeram resultou a redescoberta de Oswald de Andrade. Por tudo isso, fiquei feliz ao vê-lo homenageado agora pela Flip 2011.

No calor da batalha, a virulência de Augusto de Campos sempre soa desmedida. É no mínimo curioso que um poeta já consagrado, premiadíssimo, com uma ampla e sólida carreira literária, com grande reconhecimento internacional esteja assim tão severamente preocupado com uma crônica de Ferreira Gullar sobre quem redescobriu Oswald primeiro! Sua resposta vem em poucos dias, foi publicada também pela *Folha de S. Paulo*, em 30 de julho de 2011, recheada de provocações, neologismos e adjetivações corrosivas, a começar com o título “Sobre a gula”. Destaco apenas o último parágrafo pelo que ele tem de profético em relação à ABL, para onde realmente Ferreira Gullar será eleito três anos mais tarde.

Lamento seus problemas neo-urológicos e auriculares. Mas ele esqueceu de dizer que sua cabeça só funciona para engrandecer-se. Lembra que, gênio precoce, foi campeão de bolinha-de-gude. E vive trocando as bolas, sempre em proveito próprio.

Gullar inventou uma conversa de bar de mais de 50 anos para tentar desmerecer o meu apreço a Oswald de Andrade, os muitos estudos que publiquei e, por tabela, os de Décio Pignatari e Haroldo de Campos contra nenhum trabalho seu, que sobre Oswald tem um poema de circunstância sacado do fundo da gaveta.

O encontro em Spaghettilândia jamais ocorreu. No Rio eu só como espagete recomendado por amigos.

O papo furado sobre Oswald é porque nós o resgatamos. Décio e Haroldo não são poetas – explode. Eu seria, mas fui corrompido pelos meus companheiros. Inglório furor competitivo. Frágil casquinha do trabalho alheio.

Por que não sai da casquinha e entra na Academia Brasileira de Letras onde o espera o confrade Sarney? Afinal, inventou a neomemória e o neocademismo...

Gullar retruca no dia 7 de agosto, cita documentos e fontes que comprovariam o encontro e faz novas provocações. Fica difícil identificar qual dos dois anciãos teve o comportamento mais juvenil, e a disputa estava longe de acabar. Esse assunto retorna na sua *Autobiografia poética*, em 2015, de forma ainda mais incisiva. Ele retoma a história de como redescobriu Oswald, de sua surpresa quando este esteve no seu aniversário na casa de sua namorada em 1953, a passagem do ano de 1953 para 1954 em São Paulo, na casa do escritor, em companhia de Oliveira Bastos. E, claro, critica ainda mais explicitamente o fato dos irmãos Campos não terem percebido a força da poesia pau-brasil:

Augusto, Haroldo e Décio, nascidos e criados em São Paulo e que ali continuavam morando, não tomaram conhecimento de Oswald de Andrade enquanto ele viveu. Correspondiam-se com Erza Pound, nos Estados Unidos, mas ignoravam o grande poeta brasileiro que vivia na mesma cidade que eles. Mais tarde, o transformariam em cavalo de batalha e montariam nele. O Oswald de antes de 1929, bem entendido, porque o de depois, que rompeu com a fase modernista e tornou-se marxista militante, esse eles preferiram ignorar. (GULLAR, 2015, p. 39).

Não satisfeito em retomar a polêmica, Gullar volta a carga reafirmando o papel que tivera na “correção de rumo” da poesia concreta: “Augusto, em carta de maio de 1955, rebate todas as críticas que eu fizera aos seus poemas, mas a verdade é que, a partir de então, não voltou a fazer poemas semelhantes àqueles que eu criticara”. (2015, p.40)

Apesar da provocação ser grande, o livro não desperta nenhuma tensão especial até que Gullar, sabe-se lá o porquê, publica mais uma vez uma crônica na *Folha de S. Paulo* sobre sua relação com Oswald de Andrade, em 12 de junho de 2016. Foi dada a largada para o mais ruidoso episódio dessa batalha, que com certeza só foi o último porque, poucos meses depois, Ferreira Gullar faleceu. Na crônica não há nada de novo. Ele mais uma vez

conta como descobriu por acaso *Serafim Ponte Grande* – “a preço de refugio” – e que depois, com a indicação de Mario Pedrosa, ficou conhecendo melhor a poesia de Oswald de Andrade. Talvez para caber no espaço, ou por qualquer outro motivo, nessa sua última versão diz que a visita surpresa do escritor à sua casa foi a única vez que esteve com Oswald, que teria morrido no mês seguinte, após tê-lo conhecido, não tendo feito nenhuma referência a maiores conversas, menos ainda a passagem de ano juntos. Entretanto, o pivô da contenda permanece: é a frase com que Gullar conclui seu relato sobre a mítica conversa com Augusto de Campos na Spaghettilândia:

E o resultado dessa conversa foi que ele certamente foi reler Oswald e sem dúvida percebeu suas qualidades de escritor, reviu sua opinião sobre ele e, juntamente com Haroldo e Décio, contribuiu para a redescoberta e valorização de sua obra.

A reação dessa vez veio ainda mais rápida, e em 15 de junho de 2016, Augusto de Campos publica sua réplica, “Um memorioso formigueiro mental” e como de hábito, foi bastante violenta. Ele não perderia a oportunidade de desmenti-lo publicamente. Dessa vez reforça a artilharia, e já na primeira frase diz que Gullar abriu “um parêntese nas suas senilidades politicoides” para voltar a falar de uma “suposta conversa” onde ele teria falado mal de Oswald de Andrade. Diz que, já em 1949, o autor havia presenteado os irmãos Campos com um livro, que em 1950, ele, Haroldo, Décio e outros haviam publicado um texto no *Jornal de São Paulo* e etc. O argumento final, digno de um jovem de 15 anos, diz que “o surto (de Gullar) vem da repercussão da mostra de meus poemas”. Tudo isso girando em torno de um possível encontro, de uma provável conversa ocorrida há mais de sessenta anos. O que estaria em disputa? O parágrafo final de Augusto responde:

Gullar diz que poesia é espanto. Espanto é o que sentimos ao ver o autor de “João Boa-Morte” coroar-se de fardão, chapéu de plumas, colar e espada, na Academia Brasileira de Letras, onde chucha o seu chazinho bem remunerado com Sarney, FHC, Marco Maciel e até um golpista da TV Globo, entre outros espantalhos imortais de nossa literatura...

Com o título “Não quero ter razão”, Gullar contra-ataca no dia 26 de junho de 2016. O bordão completo, de sua autoria, é “não quero ter razão, quero é ser feliz”. Aparentemente ele não compra a briga, mas continua provocando, em tom elegante, com um acento jocoso, bem ao seu estilo. Depois de reafirmar que tudo aconteceu como ele descreveu, e novamente recolocar seus motivos para o rompimento com os concretistas no final da década de 1950, diz que errou no caso de Waldemar Cordeiro. Mas que erro foi esse? Não ter visto que Waldemar Cordeiro passara a utilizar cores em seus trabalhos. E claro, não deixa de demarcar o campo lembrando que naquela época havia dito que não se poderia prescindir da cor. Para completar a provocação, Gullar se diz impossibilitado de comentar o último livro de Augusto, pois não pode entendê-lo, e arrematando com mais provocação: depois de tudo que disse sobre a Academia, ia ficar difícil ele ser indicado para o prêmio Machado de Assis: “O que é uma pena, não digo pela glória, mas pela grana. Não é nada, não é nada, são, concretamente, R\$ 300 mil”.

A tréplica vem rápida, no dia 2 de julho, e a questão política reaparece agora com mais nitidez, pois Augusto ironiza a postura de quem “sem ter nada de novo a falar em literatura ou em arte, pôs-se a fazer virulenta campanha contra Dilma e seus defensores”. Ele rebate mais uma vez a existência de tal encontro com Gullar, retoma a discussão sobre a “matemática sensível” de Haroldo de Campos, pois tanto Gullar quanto Reynaldo Jardim vetaram a publicação de uma tréplica de Haroldo no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*. E conclui mais uma vez com a controvérsia da ABL:

Jamais aceitaria qualquer prêmio, de que valor fosse, vindo dessa instituição, que considero inútil, caduca e até nociva, pelo mau exemplo que dá a cultura brasileira, acolhendo gente que nada tem a ver com a literatura – velhos políticos, governantes, empresários e jornalistas conservadores – uma confraria de mediocridades que se chamam despidoradamente de “imortais”, envergando fardões, espadas, colares e medalhas. Com raríssimas exceções.

A *Folha de S. Paulo* ofereceu aos dois, para encerrar a briga, um espaço do mesmo tamanho onde cada um poderia fazer suas considerações

finais. Gullar recusou, deixando Augusto sem resposta. Mas, sem descanso, volta à carga em sua coluna no mesmo jornal, em nota ao fim de sua crônica “O banal maravilhoso”, na semana seguinte, no dia 10 de julho de 2016:

Nota: Soube que Augusto, o Furioso, publicou outro artigo me agradando. Não o li nem o lerei, pois já dei por encerrado esse bate-boca. Quem o leu diz que o cara pirou de vez, expondo-se mesmo como defensor do petismo corrupto. Se de fato esse é o caso, aconselho-o a buscar urgentemente um psiquiatra.

E a resposta chega em algumas horas, publicada no dia seguinte, 11 de julho de 2016, no “Painel do leitor”, no Primeiro Caderno da *Folha de S. Paulo*:

Prevalecendo-se de sua condição de colaborador desse jornal, e com desrespeito a qualquer princípio ético, Ferreira Gullar, depois de ter fugido ao debate por ele mais uma vez provocado em artigo autoencomiástico, volta a me atacar em sua coluna dominical na “Ilustrada”. Quando teve o espaço para se defender, e não tendo argumentos contra a minha tréplica documental e veraz, furtou-se à sua. E vem agora me insultar em notúncula extemporânea, acusando-me de defender “o petismo corrupto”. Não. Mais corruptos são Cunha e o governo interino que Gullar ajudou a manter e instalar no poder com seus artigos reacionários e infelizes. Dilma não é corrupta. Corrupto é quem se vende para instituições culturais de fachada. Eu não defendo a corrupção. Defendo a democracia, que um viracasaca como o acadêmico Gullar, ex-stalinista e neofascista, despreza e avilta, maculando sua biografia, que cada vez mais se revela a de um “formigável” factóide.

É um caso raro na poesia brasileira, aliás, acho que único, esse violento embate nos jornais com polêmicas que se perpetuam ao longo de sessenta anos. A rigor, interessa pouquíssimo a qualquer um de nós se Gullar “orientou” os irmãos Campos, ou se antes que eles tivessem percebido certas coisas, o Gullar já teria dito primeiro. Mas não pode ter sido só o legado de Oswald que esteve em jogo todos esses anos. O “território sagrado” a ser disputado diz respeito a um horizonte muito maior do que

aquilo que literalmente enunciam. Tanto é assim que, na arquibancada, intelectuais e artistas assumem posições e organizam suas torcidas.

Ambos encarnam forças políticas, disputas partidárias, rivalidades regionais e correntes de pensamento que se enfrentam na vida cultural brasileira. A primeira delas diz respeito ao confronto PT/PSDB e a poesia de cordel escrita por Gullar nos anos do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional de Estudantes (UNE), invocada por Augusto de Campos para denunciar as contradições políticas de Gullar e sua “traição de classe”. Depois, não menos importante, é o combate acerca da legitimidade da ABL como instituição de referência na cultura brasileira. Também não nos causa estranheza observar que esse embate reaparece com cores fortes num momento em que a política brasileira passou a viver uma severa divisão, com posições extremadas e confrontos de tal forma acirrados que dificilmente encontraremos paralelos em nossa história recente. Descrita com humor, em pequena nota, o jornalista Luiz Antônio Novaes, no *Blog do Mineiro*, no dia 18 de junho de 2016, assim definiu a polêmica:

Luta corporal

O Fla x Flu do impeachment contamina até a poesia. No mais duro round de seis décadas de briga, Augusto de Campos, pró-Dilma, acusou Ferreira Gullar de fazer, em tempos de Lava-Jato, uma “delação desprimorosa” sobre Oswald de Andrade. Para o concretista, o autor do Poema Sujo vive em “senilidades politicoides”. Ambos têm 85 anos.

Mas há aqueles que no calor da disputa, convocam as torcidas para participar do embate, como Paulo Henrique Amorim, que publicou no seu blogue *Conversa Afiada*, no dia 02 de julho de 2016, o seguinte trecho:

O **Conversa Afiada** convida o amigo navegante a contemplar essa implacável surra que o poeta Augusto de Campos (o ansioso blogueiro acaba de ler seu magnífico trabalho “Poesia Russa Moderna”, com Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman) aplicou no poeta-golpista Ferreira Gullar, colonista da Fel-lha.

E foi assim que, nos seus últimos meses, Ferreira Gullar viveu como sempre esteve: no olho do furacão. Apesar de sua poesia ter se afastado de qualquer preocupação política, ele continuou se posicionando publicamente através da publicação de crônicas e da participação em debates. Aliás, esse afastamento não deixa de ser uma proposição política para sua poesia. Muitas pessoas atravessaram os anos de autoritarismo e repressão com os livros de poesia de Gullar na cabeceira de suas camas, mas não puderam acompanhá-lo em suas últimas escolhas. As redes sociais na internet foram inundadas de declarações de rompimento e acusações de traição. Exageros, juízos extremados, julgamentos instantâneos, acusações superficiais, e xingamentos, tudo o que conhecemos sobre o modo como se debate nesses lugares foi mobilizado para um acerto de contas com quem um dia havia dito que “aos vinte anos, compreendera que a poesia não podia ter por finalidade embasbacar os tolos ou conduzir à Academia Brasileira.” (GULLAR, 2015, p. 84).

Como anunciei no primeiro parágrafo, é na condição de parte do problema que escrevo esse artigo. Ou seja, vejo toda essa polêmica através de um determinado ponto de vista, que há muito tempo não é o mesmo que Gullar. Mas isso não significa renunciar ao bom senso. Quando decidi fazer do *Poema sujo* (1976) o objeto de estudo de minha dissertação de mestrado, em 1996, Ferreira Gullar havia passado por uma espécie de linchamento público por conta de seu apoio ao Fernando Henrique Cardoso. Desacreditado, apesar de muitos artistas terem feito grande defesa de seu trabalho à frente da FUNARTE, ainda estava longe da consagração que chegaria nos anos seguintes. E foi exatamente por isso que decidi estudá-lo. Não havia nada que Ferreira Gullar pudesse falar ou fazer que apagasse a potência estética de seu poema, que já não pertencia a ele desde que fora publicado em 1976. Foi com esse espírito que me debrucei sobre sua obra. E depois, por conta de seu crescente prestígio e o lançamento de *Rabo de foguete: os anos de exílio* (1998) e *Muitas Vozes* (1999), resolvi expandir o projeto para o doutorado, onde busquei reconstruir o modo muito particular com que Gullar articulou sua produção poética e sua trajetória política e, principalmente, como pagou um preço alto por tudo isso.

Talvez por uma espécie de vingança, em sua *Autobiografia Poética e outros textos* (2015), ele sequer cita o livro *Dentro da noite veloz* (2009), justamente o que foi saudado como uma de suas grandes realizações por tantos críticos e em longos estudos, como os de Lafetá e Alcides Villaça. Em poucas linhas, conta sua experiência de militância política que o levou a escrever os poemas de cordel, a sua produção mais panfletária, até desembocar no *Poema sujo*, em 1975, sem fazer qualquer comentário ao livro que está entre esses dois momentos e que a maioria dos críticos considera como o amadurecimento de sua linguagem poética. Ferreira Gullar sem *Dentro da noite veloz* é queijo sem goiabada, fica faltando alguma coisa de especial. É verdade que ele também mal comenta alguns poemas de *Barulhos* (1987) e *Na vertigem do dia* (1980), publicados na década de 1980, e que apesar de marcarem seu gradativo afastamento dos temas políticos, ainda estão carregados de suas experiências recentes. Felizmente ele não é o dono de sua obra. É possível que sua *Autobiografia* esteja tentando reduzir a importância desse período, e é possível que os jovens leitores do século XXI já não tenham motivos para retornarem a ele. Dissipada por completa a experiência histórica que foi o chão de sua criação, perdidos os laços entre os leitores e a matéria vital que os poemas deram forma, ficará algo? É curioso que até o início dos anos 90, suas referências ao “Poema enterrado” fossem sempre num tom de brincadeira, como uma experiência restrita a uma fase já passada de experimentalismos de vanguarda. E depois, esses relatos foram crescendo em expressão, foram revividos, até ganharem um grande destaque em seu último balanço, que é a *Autobiografia*.

É isso. Alguns textos adormecem nas prateleiras para ressurgirem décadas depois. Outros, vão se empoeirando para sempre. O que será das bibliotecas, das estantes, do livro, da poesia, de tudo isso que acreditamos ser literatura e crítica literária dentro de cinquenta anos? Qual Gullar sobreviverá? De minha parte, farei o possível para que o homem comum, “de carne e de memória, de osso e esquecimento”, sobreviva.

.....

FERREIRA GULLAR AND HIS LAST COMBAT

ABSTRACT

This work aims to update another study, which I carried on about Ferreira Gullar's trajectory (CAMENIETZKI, 2006). This last one aimed to investigate the author's last publications (*Em alguma parte alguma* and the *Autobiografia poética and other texts*) and the public debate he had with Augusto Campos in 2016, few months before passing away. As rare witness of our literary tradition, in a ceaseless effort to translate himself, the poet offers us a trajectory of intense search and radical changes. Since his work *Cultura posta em questão*, published in 1965 until the release of *autobiografia poética*, in 2015, it has been 50 years of intense reflection about his own work of creation. In the light of this vocation, we will make a critical analysis of this effort of invention and clarification in which Ferreira Gullar does in his poetry.

KEYWORDS: Ferreira Gullar; poetry and politics; autobiography poetry; Augusto Campos

FERREIRA GULLAR Y SU ÚLTIMO COMBATE

RESUMEN

Este trabajo actualiza nuestro estudio anterior sobre la trayectoria de Ferreira Gullar (CAMENIETZKI, 2006), considerando como objetos de investigación sus últimas publicaciones (*Em alguma parte alguma* y *Autobiografia poética e outros textos*) y el debate público con Augusto de Campos en 2016, algunos meses antes de su muerte. En un testimonio raro en nuestra tradición literaria, en un incesante esfuerzo por traducirse, el poeta nos ofrece una trayectoria de intensas buscas y cambios radicales. Desde su libro *Cultura posta em questão*, de 1965, hasta el lanzamiento de *autobiografia poética*, en 2015, han pasado 50 años de intensa reflexión sobre su propio trabajo de creación. A la luz de esta vocación, haremos un balance crítico de este esfuerzo de invención y explicitación que Ferreira Gullar hace de su poesía.

PALABRAS CLAVE: Ferreira Gullar; poesía y política; autobiografía poética; Augusto de Campos.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Paulo Henrique. Campos a Gullar: “Não se venda”!. *Conversa afiada*, 02 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.conversaafiada.com.br/brasil/campos-a-gullar-nao-se-venta>>. Acesso em:

CAMPOS, Augusto de. Sobre a gula. *Folha de S. Paulo*, 30 jul. 2011. Seção Ilustrada. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3007201115.htm>. Acesso em: 10 nov. 2016.

_____. Um memorioso formigueiro mental. *Folha de S. Paulo*, 15 jun. 2016. Seção Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/06/1781738-um-memorioso-formigueiro-mental.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

_____. Um neocordeiro superconcreto e um expremio. *Folha de S. Paulo*, 02 jul. 2016. Seção Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/07/1787739-um-neocordeiro-superconcreto-e-um-expremio.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

_____. Poeta Augusto de Campos contesta coluna de Ferreira Gullar. *Folha de S. Paulo*, 11 jul. 2016. Painel do leitor. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2016/07/1790417-poeta-augusto-de-campos-contesta-coluna-de-ferreira-gullar.shtml>. Acesso em: 10 nov. 2016.

CAMENIETZKI, E. Z. *Poesia e política: a trajetória de Ferreira Gullar*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

GULLAR, Ferreira. *Em alguma parte alguma*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

_____. Redescoberta de Oswald de Andrade. *Folha de S. Paulo*, 17 jul. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1707201122.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

_____. Mentira tem pernas curtas. *Folha de S. Paulo*, 07 ago. 2011. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2011/08/07/21//5718304>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

_____. *Autobiografia poética e outros textos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. Encontro com Oswald. *Folha de S. Paulo*, 12 jun. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2016/06/1780387-encontro-com-oswald.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

_____. Não quero ter razão. *Folha de S. Paulo*, 26 jun. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2016/06/1785376-nao-queiro-ter-razao.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

_____. O banal maravilhoso. *Folha de S. Paulo*, 10 jul. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2016/07/1790175-o-banal-maravilhoso.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

NOVAES, Luiz Antonio. Luta corporal. *Blog do Mineiro*, 18 jun. 2016. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-mineiro/post/cabare-brasil.html>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

Submetido em 30 de março de 2017

Aceito em 27 de junho de 2017

Publicado em 25 de agosto de 2017
